

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID 19: *Estratégias* governamentais e *táticas* das professoras alfabetizadoras em Minas Gerais

Ana Caroline de Almeida¹

Maria do Socorro Alencar Nunes macedo²

Eixo temático 10. Alfabetização e ensino remoto: desafios, aprendizados e perspectivas.

Resumo: Muitas questões emergiram em relação ao ensino remoto na alfabetização, no contexto da Pandemia da COVID 19. Focalizaremos aqui questões relativas à organização do trabalho pedagógico pelas docentes: plataformas utilizadas, planejamento e organização das aulas; recursos e materiais utilizados. Metodologicamente, trabalhamos com um *survey*, aplicado a professoras alfabetizadoras em todo o Brasil e selecionamos 5 professoras da Região das Vertentes, em Minas Gerais para a realização de rodas de conversa – ou Grupos focais. Nosso pressuposto é de que é necessário ouvir as professoras para saber um pouco mais sobre o que elas pensam, priorizam e como se colocam em ação diante do processo de implementação do ensino remoto. Para isso, mobilizamos os conceitos de *estratégias* e *táticas* (De Certeau, 1994). Nossos resultados indicam que as docentes mobilizaram várias ações – ou *táticas*, a fim de lidar com as *estratégias* do governo e contribuir com a aprendizagem das crianças, além de fortalecer o vínculo das famílias com a escola.

Palavras-chaves: Alfabetização. Ensino Remoto. Táticas. Estratégias.

Introdução

No início do ano de 2020, nos articulamos e constituímos o grupo Alfabetização em rede, reunindo pesquisadores das 5 regiões do Brasil e de 29 Universidades públicas a partir da necessidade de se estudar a recepção da Política Nacional de Alfabetização (PNA) pelas docentes que atuam nas redes públicas de ensino e a fim de tomar um posicionamento em relação a essa política. Nesse mesmo período, passamos a viver a pandemia do novo corona

¹ Doutora em Educação pela UFPE. Professora EBTT no IFRJ – Campus Pinheiral. Contato:

ana.caroline@ifrj.edu.br

² Doutora em Educação. Professora Titular na UFSJ. sococorrnunesmacedoufsj@gmail.com

vírus, que afetou imediatamente e de diferentes modos a vida de todos os brasileiros e brasileiras, desde meados do mês de março daquele ano.

O isolamento social, entendido como o caminho mais eficaz para evitar a circulação do vírus, trouxe implicações para as escolas e universidades, que foram fechadas e tiveram as aulas presenciais suspensas. Mas aos poucos, governos estaduais e municipais foram se organizando para a retomada das atividades escolares de maneira remota. Em Minas Gerais isso aconteceu já no mês de maio de 2020. Esse formato atingiu em cheio famílias e professores, que, vivenciando experiências de medo, angústia, ansiedade, insegurança e adaptação ao isolamento social, tiveram que aprender a lidar com as exigências desse novo formato de ensino.

A preocupação em torno de como seria esse trabalho com crianças em processo de alfabetização ganhou força no grupo, uma vez que a situação de calamidade pública, que enfrentamos até hoje, exigiu medidas sanitárias e políticas públicas educacionais imperativas, tendo em vista a concomitância com o início daquele ano letivo e a duração por um período ainda indeterminado. importante salientar que qualquer situação que venha a alterar os rumos da educação escolar exige políticas específicas. Longe de uma simples adequação no formato de ensino, essa alteração certamente provoca mudanças variadas e tem sido um grande desafio para os que atuam na linha de frente da educação, sobretudo os professores e também para as famílias com crianças em idade escolar, especialmente em virtude da grande desigualdade social existente em nosso país. Assim, a pesquisa que vem sendo desenvolvida pelo grupo Alfabetização em Rede abrange questões caras (e emergentes) ao campo da alfabetização e tem, como objetivo geral investigar discursos e práticas de alfabetização que são produzidas neste momento da pandemia e, a longo prazo, analisar os desdobramentos da atual política nacional de alfabetização, contribuindo, deste modo, para a redefinição das políticas de alfabetização.

Muitas questões emergiram em relação ao ensino remoto na alfabetização. Focalizaremos aqui questões relativas à organização do trabalho pedagógico pelas docentes. Quais plataformas virtuais elas têm utilizado? Como as professoras estão planejando e organizando suas aulas, considerando essas plataformas e a realidade desigual de acesso à internet entre alunos de escolas públicas? Quais recursos e materiais elas têm mobilizado?

Abordagem teórica e encaminhamentos metodológicos

Para responder a estes e outros questionamentos, a pesquisa vem sendo desenvolvida com base no imbricamento de três correntes teórico-metodológicas: (i) uma abordagem sócio-histórica e enunciativa da língua (BAKHTIN, 1997, 2014); (ii) uma perspectiva antropológica da escrita e do texto, com base nos Novos Estudos do Letramento

(NEL) (STREET, 2010; 2014); (iii) uma compreensão ético-crítico-política de educação e da alfabetização, formulada por Paulo Freire (1976, 1978, 2015). Partimos do pressuposto de que a língua não se reduz a um sistema de normas abstratas, mas se concretiza no fluxo ininterrupto da cadeia de interação verbal, na inteireza e dinamicidade mesmo das enunciações, dos diálogos travados por diferentes sujeitos, em seus distintos contextos sócio-culturais, como postula Bakhtin e seu Círculo. Alinha-se à esta abordagem, o ponto de partida dos NEL: a compreensão das práticas de letramento por meio de sua natureza social e ideológica, ou seja, as formas de utilização e circulação da escrita na sociedade; formas pelas quais concepções de leitura e escrita se materializam em práticas sociais, nas instituições sociais que propõem e exigem essas práticas, como a escola, a igreja, as redes sociais, etc. Tal concepção de letramento dialoga, portanto, com as proposições de Paulo Freire, precursor do princípio da compreensão crítica da realidade na qual estamos inseridos, como condição para se pensar e organizar os processos educativos formais e a alfabetização. Freire defende que a alfabetização deve basear-se na leitura crítica do mundo; e essa leitura se faz a partir da cultura dos sujeitos, do diálogo e da conscientização.

Desse modo, entendemos que a alfabetização na escola, e mesmo fora dela, enquanto espaço físico – como tem ocorrido agora na pandemia é uma prática social e cultural que envolve diferentes saberes, discursos, crenças, valores e instrumentos; é uma prática que envolve um conjunto de práticas discursivas e formas de usar a linguagem e construir sentidos, as quais, no nosso entendimento, devem mirar a apropriação, pelos alunos, da cultura escrita.

Os instrumentos de produção de dados envolveram a aplicação de um questionário do *Google forms* a docentes da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental até o 5º ano, composto por um conjunto de 35 perguntas, distribuídas em cinco seções: perfil profissional, formação continuada, políticas de alfabetização/documentos oficiais e elementos envolvidos no ensino remoto. Esta primeira fase conta com um relatório parcial publicado na Revista Brasileira de Alfabetização³. E, numa segunda fase, a realização de rodas de conversa com professoras respondentes a esse questionário.⁴ Essas rodas se orientam pela metodologia de Grupo Focal tal como definida por Bernadete Gatti (2005), para quem o grupo focal é “uma técnica de levantamento de dados que se produz pela dinâmica interacional de um grupo de pessoas” (p. 12), podendo ser empregado “em processos de pesquisa social ou em processos de avaliação, especialmente nas avaliações de impacto” (p. 11).

³ O relatório está disponível neste link:

<http://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/465>

⁴ Cada grupo de pesquisa integrante do Alfabetização em rede tem organizado suas rodas de conversa nas suas regiões.

Entendemos que não basta compreender a alfabetização no ensino remoto apenas com dados quantitativos. É necessário ouvir os professores para saber um pouco mais sobre o que eles pensam, priorizam e como se colocam em ação diante do processo de implementação do ensino remoto, uma vez que são os sujeitos que agem e/ou reagem nos seus cotidianos profissionais, interferindo nas propostas políticas e/ou orientações superiores. É nesse ponto que mobilizamos os conceitos de *cotidiano, espaço e tempo, táticas e estratégias* de Michel de Certeau (1994). As estratégias seriam as ações exteriores à escola e às professoras, exercidas pelos sujeitos de poder; as táticas, por sua vez, são internas à escola, e se caracterizam pelas ações dos professores diante das estratégias; A escola, no entanto – lugar geométrico, arquitetônico e definido, no contexto atual é apenas lugar; sem sujeitos ela deixa de ser espaço; esse espaço, passa a ser a casa – da professora e das crianças; lugar-espaço praticado, como anuncia De Certeau, pelas ações e práticas discursivas dos sujeitos históricos nos seus cotidianos.

Buscamos então, com nossas conversas, um aprofundamento do conhecimento sobre as *maneiras de fazer* cotidianas das professoras que, de suas casas - espaços, se empenham em alfabetizar no contexto da pandemia; há uma lógica nessas práticas “uma maneira de pensar, investida numa maneira de agir.” (p. 42), desde o planejamento das ações até a interação com as crianças e as famílias.

Resultados (parciais) e discussão

Ao final do mês de novembro de 2020, realizamos duas rodas de conversas com cinco professoras alfabetizadoras, em diferentes escolas da região do Campo das Vertentes, em Minas Gerais; uma representante de cada ano da primeira etapa do ensino fundamental, mas que trabalhava em dois turnos, em redes de ensino municipal e estadual. São professoras bastante experientes, sendo a mais jovem com 38 anos de idade e a mais velha, com 45, mas todas com no mínimo doze anos de sala de aula. São professoras formadas predominantemente em cursos de Pedagogia, em instituições públicas superiores e todas têm especialização, uma delas o curso de mestrado.

Depois de sucessivas leituras da transcrição desses encontros apresentamos um conjunto de elementos que nos possibilita compreender, por meio dos discursos das professoras alfabetizadoras, como elas estão organizando o trabalho pedagógico na alfabetização, frente às estratégias do governo. Em Minas Gerais, as estratégias adotadas pelo governo do Estado, na emergência da pandemia, foram a criação do aplicativo Conexão Escola e a elaboração do Plano de Estudo Tutorado (PET). Por meio do aplicativo os alunos poderiam acessar as tele-aulas transmitidas pela Rede Minas, os slides apresentados nessas mesmas aulas e os próprios PETs, de cada ano escolar. Essas estratégias integraram o

Regime de estudo não presencial do Estado, o qual, segundo a secretaria, “busca proporcionar a continuidade da relação com a escola, mesmo que de forma não presencial, de maneira que os estudantes não percam de forma brusca o contato com a atividade escolar evitando, assim, que venham a abandonar completamente os estudos” (MINAS GERAIS, 2020, *online*).

As apostilas do PET foram divididas em 8 volumes. Nos dois primeiros, foram oferecidas atividades de Língua Portuguesa e Matemática; nos seguintes, todas as disciplinas foram contempladas. Os volumes eram organizados em quatro semanas e cada semana continha uma proposta de atividade de cada disciplina. Esse foi o material indicado para subsidiar o trabalho de todas as professoras da rede estadual e, também, foi referência para muitas redes municipais.

Ocorre que, diante da realidade das famílias, em geral com muitas dificuldades para o acesso à internet, seja pela falta de equipamentos – computadores e celulares ou pela falta de condições de pagar um bom plano, as escolas mobilizaram a tática de usar o Whatsapp como plataforma de interação com as crianças e as famílias, além de imprimir os PETs e fazer esse material chegar a todos os alunos. A decisão de usar o Whatsapp partiu da gestão das escolas, mas as professoras aderiram por entenderem que essa era a plataforma que os pais mais tinham condições de acessar, como destacam as professoras Thalita e Kelly:

“A partir do momento que começou o trabalho remoto em maio isso foi decidido; passaram a lista de telefone de todos os pais. Foi uma decisão de gestão. Lá na escola as professoras de biblioteca, que não tem sala fixa, tiveram acesso aos telefones dos pais e responsáveis e separaram de cada turma e enviaram para a gente e nós criamos os grupos do WhatsApp.” (Professora Thalita);

Então lá na Aureliano teve essa possibilidade, se o professor quiser usar o classrom, o WhatsApp, o grupo do facebook, mas no facebook, nós pensamos: vai ter pai que não tem, que não gosta de ter, que não tem rede social, então o WhatsApp é a melhor maneira de chegar a todos os alunos ou a grande maioria pelo menos.” (Professora Kelly).

Tendo decido a plataforma, o passo seguinte era refletir sobre os materiais que seriam utilizados e como seriam. Os PETs (apostilas) eram a referência para o planejamento do trabalho pedagógico. Esse material passou a funcionar como um currículo, ditando os conteúdos que deveriam ser ensinados. Os dois primeiros volumes desse material contemplaram apenas as disciplinas de Português e matemática; os demais volumes trouxeram conteúdos de todas as disciplinas. Em cada dia da semana, era trabalhado uma disciplina.

As professoras tinham a possibilidade de complementar o conteúdo da apostila com

atividades extra. Por um lado, essa possibilidade ajudava as docentes a levarem para as crianças aquilo que elas consideram mais relevante e significativo, mas, por outro lado, corriam o risco de sobrecarregar as famílias e as crianças, uma vez que não poderiam abrir mão da utilização dos PETs, já que estes materiais configuraram-se como uma estratégia governamental para contabilizar a carga horária das crianças, como mencionou a professora Aristeia: “[...]pro governo o que está contando como carga horária é o PET.” E reforçou a professora Kelly, explicitando que a aprendizagem efetiva das crianças não está entre as preocupações do governo: “É carga horária, é atividade feita, agora se ele está aprendendo ou não, não é preocupação.”

Mesmo tendo os PETs como referência, a dinâmica das aulas acontecia pelo whatsapp. No começo da semana as professoras enviavam mensagem no grupo de pais informando quais atividades precisariam ser feitas pelas crianças; indicavam o conteúdo e as páginas que deveriam ser realizadas na apostila. E ao longo da semana ficavam disponíveis online, nos seus turnos de trabalho, recebendo o retorno dessas atividades, por foto ou áudio, e atendendo aos pais e às crianças, a fim de tirar dúvidas.

Conforme o trabalho foi acontecendo e as angústias iniciais foram diminuindo, as professoras foram criando e mobilizando diferentes táticas para dar conta dos desafios que se impunham, sobretudo ajudar as crianças na aprendizagem da leitura e da escrita. No caso, por exemplo, do aluno especial que “perdeu” a professora de apoio agora na pandemia, a professora regente da turma enviava atividades que ele pudesse fazer sem a ajuda dela, como nos relatou a professora Alessandra: “*eu coloco atividades em que ele dá conta de fazer mesmo sem acompanhamento por apoio, porque a gente teve uma redução muito grande de professor de apoio*”. A professora Rose mencionou sempre enviar vídeos disponíveis no youtube que abordavam o assunto estudado, além de criar seus próprios vídeos curtos e enviar no grupo, a fim de explicar melhor o conteúdo do PET, para os pais ou para as crianças:

A partir do PET 4, eu comecei a criar uns vídeos bem curtinhos, usando o Power Point e o Zoo. Esse vídeos são curtos duram em torno de 2 minutos e meio e também com base no conteúdo do PET. Aí quando eu acho que está complicado para o aluno entender, eu tento explicar mais para os pais, para que eles entendam o conteúdo e possam explicar para os filhos. Aí quando está mais tranquilo, eu falo diretamente com as crianças, falando para eles como faz as atividades, explico conteúdo mas de acordo com o PET, não fujo daquilo. (Professora Rose)

Kelly mencionou fazer postagens no facebook para motivar a participação das crianças e realização das atividades, além de reuniões eventuais com os alunos no Google Meet; E a professora Thalita nos conta que: “*tenho até um quadro de giz aqui no meu quarto, as vezes*

eu mesmo vou para o quadro e vou gravando o vídeo para estar passando para as crianças, isso acontece também quando eles me perguntam dúvidas durante a aula e eu venho pro quadro, gravo vídeo e envio ou através de áudio porque realmente a plataforma que estamos usando é WhatsApp; o Conexão Escola realmente não funciona.”

Considerações finais

O ensino remoto da alfabetização na pandemia da Covid-19 tem sido o maior desafio já enfrentado pelas escolas públicas no Brasil, particularmente pelas professoras alfabetizadoras. Conforme se observa nos dados, as escolas criaram táticas para subverter a estratégia do Governo de Minas Gerais de impor um material a ser seguido pelas docentes, produzido por outsiders da educação, por meio de plataformas inacessíveis aos alunos. Conhecedoras da realidade socioeconômica das camadas populares, a iniciativa de ativar o contato da escola com as crianças e as famílias por meio do whatsapp teve o objetivo de reduzir o impacto negativo da pandemia nos processos de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. Aliada à disponibilização de materiais impressos para as crianças de famílias sem qualquer acesso à internet. Por meio dessas táticas podemos perceber que a escola não reproduz as orientações oficiais tal como são impostas, ao contrário, docentes e gestores criam formas de adaptar-se à realidade imediata, visando, em última instância, a manutenção do vínculo das famílias e das crianças com a escola pública no contexto da pandemia e uma aprendizagem mínima.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

CERTEAU, Michel D. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 56. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GATTI, BERNADETE. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber livro, 2005.

STREET, B. Os Novos estudos sobre o Letramento: Histórico e perspectivas. In: **Cultura escrita e letramento**. MARINHO, M.; CARVALHO (org.) Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

STREET, B. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução Marcos Bagno. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014